

A vida do dedicado JOSÉ PETITINGA

Poeta e jornalista, o autodidata José Florentino escrevia sobre política em jornais e publicações de Nazaré, Amargosa, Juazeiro, Salvador e outras cidades, mas ocultava sua identidade sob o pseudônimo de José Petitinga.

Por: **Lourdes Rodrigues**

Jornalista, frequentadora da Seara Bendita.

Diagramação: **Joaquim Roddii**

A prática do espiritismo, iniciada no Brasil em meados do século 19, tem na Bahia, como um de seus precursores, o jornalista e poeta José Florentino de Sena, mais conhecido como José Petitinga. Nascido em 2 de dezembro de 1866 na fazenda Sítio da Pedra, à margem direita do Rio Paraguaçu, no então termo de Monte Cruzeiro, Comarca de Amargosa, era filho de Manoel Antônio de Sena e Maria Florentina de Sena.

De família humilde, aos 11 anos de idade, logo após terminar o primário, deixa de prosseguir seus estudos e passa a trabalhar em uma loja de ferragens em sua cidade natal. Seu patrão, o comerciante Francisco Torquato Barreto, lhe ensina serviços contábeis, tornando-o encarregado por essa tarefa.

Autodidata, José Florentino começa a escrever para jornais e publicações de Nazaré, Amargosa, Juazeiro, Salvador e outras cidades sobre política, mas tendo de resguardar-se tanto do pai quanto do patrão passou a usar o pseudônimo de José Petitinga. Em razão da popularidade do pseudônimo, pelo qual passou a ser conhecido em todo o mundo, resolveu adotá-lo como sobrenome, em substituição ao Florentino de Sena, fazendo uma declaração pública em cartório.

Em 1895 assumiu a função de guarda-livros da Companhia Viação do São Francisco, que fazia a navegação no rio, nela continuando quando, na administração de Luiz Vianna, passou para a esfera pública, assumindo em diversas ocasiões a direção da empresa.

Em dezembro de 1912 assume a função de contador na Companhia União Fabril da Bahia, tornando-se depois seu diretor, mudando-se para Salvador, onde trabalhou até sua morte.

Desde os 20 anos publicando seus versos, Petitinga conquistou também a fama de profundo conhecedor da língua portuguesa. Consta que o médico, político, escritor e professor de latim, o baiano Cezar Zama teria afirmado: “Na Bahia, o latim é comigo; o português, com o Petitinga”.

Como poeta, recebeu elogios de críticos como Sílvio Romero e comentários favoráveis do Jornal do Commercio. Seus livros foram: *Harpejos Vespertinos*, *Madressilvas* e *Tonadilhas*.

Colaborou em diversos jornais e periódicos baianos, tanto na capital como em outras cidades, tendo ainda fundado o jornal *A Ideia*.

Petitinga teve dois casamentos, o primeiro com Francisca Laura de Jesus Petitinga, em 1895, da qual ficou viúvo em 1903, e com quem teve 7 filhos. Três anos depois casou-se com Maria Luiza Petitinga.

Com 21 anos de idade leu *O Livro dos Espíritos*, e adepto da doutrina espírita desde 1898 fundou, em Juazeiro, o Grupo Espírita Caridade, onde foram recebidas, por meio do médium Floris de Campos Neto, mensagens incentivadoras da entidade espiritual que se identificava como Igotus. Petitinga empreendeu campanhas para a construção de casas para as vítimas das enchentes do rio São Francisco. Nas muitas viagens que empreendeu ao longo do rio, como grande conhecedor da rica flora medicinal brasileira, aplicava seus conhecimentos terapêuticos de emergência a quem necessitasse.



Em 1912, com a mudança para Salvador, não deixou de prosseguir com seu trabalho de divulgador da doutrina. Lá, Petitinga reviveu em sua residência o Grupo Espírita Caridade, reunindo companheiros dedicados à doutrina dos Espíritos. Sua figura, misto de humildade e austeridade, tornou-se popular infundindo respeito e consideração até aos próprios adversários da doutrina espírita.

*No início,
a União Espírita Baiana
não tinha local fixo,
transferindo-se
várias vezes de local,
apenas em 4 de julho de 1920
ganhou sede própria
no Largo do Cruzeiro
de São Francisco,
Pelourinho, em Salvador.*

Ao ser convidado a participar do Centro Espírita Religião e Ciência, que passava por uma fase de declínio, e notando que a decadência daquela casa se devia em parte à falta de unidade doutrinária e à ausência de uma direção geral, Petitinga trabalhou para fundar uma sociedade orientadora do movimento espírita na Bahia, o que se concretizou em 25 de dezembro de 1915, quando, em reunião realizada na sede do Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade, instalou a União Espírita Baiana, hoje Federação Espírita do Estado da Bahia. No início, a União Espírita Baiana não tinha local fixo, transferindo-se várias vezes de local, apenas em 4 de julho de 1920 ganhou sede própria no Largo do Cruzeiro de São Francisco, Pelourinho, em Salvador.

Petitinga presidiu a União até a data de sua morte, em 25 de março de 1939, após 12 dias acamado depois de um mal súbito que o acometeu em pleno trabalho na sede da União Espírita. O sepultamento foi acompanhado por grande cortejo, formado por vários ônibus, fretados pela Companhia Fabril da Bahia, onde trabalhava, e mereceu registro nos principais jornais da época, os quais homenageavam o jornalista, poeta, escritor, linguista e destacado espírita.

REFERÊNCIAS

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Petitinga
- <https://web.archive.org/web/20070214201027>
- <http://www.espirito.org.br/portal/biografias/jose-petitinga.html>
- <http://grupospiritacaridade.org.br/site/index.php/doutrina/biografias/18-grandes-vultos-do-espiritismo/68-jose-petitinga>
- <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=2849>